

CICLOS SE REPETEM...

***Roberto Rodrigues**

Uma das lições aprendidas pelos modernos agricultores brasileiros e de todo o mundo - duramente aprendida, aliás - é que nunca se deve iniciar uma atividade agrícola quando os preços do produto escolhido para cultivar estiverem muito acima da média histórica: eles só podem cair! Muitas vezes gente que não é do ramo - ou é, mas distraída ou ambiciosa ou sem juízo -, faz contas de retorno da plantação com base nos custos e preços vigentes em algum momento excepcional e acaba, como se diz na roça, "dando com os burros n'água". Claro que também não dá para começar um determinado cultivo se seus preços estiverem muito baixos, eventualmente até menores do que os custos de produção. Neste caso, o prejuízo está dado por antecipação.

O fato é que os preços agrícolas sofrem uma enorme variação de ano para ano em função das forças de mercado determinadas pela oferta e pela procura, como em qualquer outro produto; mas no caso em pauta, há um fator adicional inexistente em outros setores: o clima. Por isso, velhos agricultores ensinam uma máxima irrecorrível: "nunca plante quando os preços estiverem muito altos porque a frustração será terrível; nem quando os custos estiverem acima dos preços porque é burrice. Veja a média histórica dos preços do produto escolhido e a compare com os vigentes, e aí, olhando as tendências, inclusive as climáticas, tome a decisão". A chance de erro fica minimizada.

Isso nos leva a outra lição de veteranos produtores: "não vá para a agricultura pensando em ficar rico depressa; e também ninguém quebra se não fizer burradas homéricas: esta é uma atividade cujos resultados positivos aparecem no ciclo de uma geração, 20 a 25 anos". Isto é, no campo é preciso persistir, perseverar, enfrentar as adversidades, aguentar o tempo das vacas magras e, sobretudo, preparar-se para isso; no mais, é bom senso e paciência, como tudo na vida. E, bem, brigar com o governo, isso sempre...

Estas características se repetem em ciclos até previsíveis se não houvesse a variável do clima. E há uma condição interessante: como a produtividade está sempre crescendo em função de inovações técnicas, a lógica é que os preços caiam, sistematicamente. A resultante de análises históricas dos preços é, geralmente, uma curva descendente. Em outras palavras, a oferta tende a crescer com as novas tecnologias; se a demanda não cresce na mesma proporção, fatalmente os preços caem. Quando há um desequilíbrio forte por qualquer razão, os picos de preços aparecem, surpreendendo aos agentes econômicos e os da academia.

É por isso que os países desenvolvidos, ou ricos, criaram os subsídios e outros mecanismos protecionistas a seus agricultores: para garantir o suprimento de alimentos, fibras e (agora) energia, a seus cidadãos consumidores! Foi a tal de segurança alimentar, surgida na Europa no pós-guerra e depois assimilada por americanos, japoneses, canadenses, coreanos e por aí a fora. A idéia é proteger os consumidores, evitando que os preços disparem, através de subsídios que estabilizem a renda dos produtores rurais. Por isso não acabam, porque a maioria do eleitorado é urbana. É por isso

também que os subsídios não avançam nos países em desenvolvimento onde a maioria da população não migrou ainda para as cidades. Sendo assim, nossa luta pela redução dos subsídios dos poderosos não é contra os seus agricultores, mas contra seus consumidores, o que é muito mais complicado porque seus votos são infinitamente mais numerosos. Um programa de Governo, como o Bolsa Família, é mais claro nos seus objetivos de favorecer ao consumidor, mas acaba ajudando ao produtor rural porque cria uma demanda razoavelmente sustentada. E também gera votos...

Mas esse é um assunto para outra discussão. O que vale a pena tratar agora é que estamos num destes momentos de desequilíbrio, e muito grande. A demanda por alimentos explodiu com o crescimento das populações e de renda nos países emergentes. E a produção não acompanhou este crescimento, inclusive por questões climáticas. Houve seca na Europa Central e na Austrália, reduzindo a produção de trigo, e os preços do grão subiram, levando junto arroz, milho e soja. Houve muita chuva no Brasil em 2009, estragando a produção de açúcar e etanol; e seca no ano passado, relaxando ainda mais esta riqueza, e os preços subiram fora e dentro do nosso país. Oferta de algodão, café e laranja caíram em comparação com a demanda, e assim por diante. Por isso estamos diante de um ano com bons preços agrícolas, e os produtores do mundo todo devem realizar lucros. No Brasil boa parte deste resultado positivo é comido pelo câmbio: a excessiva valorização do real frente ao dólar nos tira o resultado que auferem os agricultores que recebem em dólares. Mesmo assim, se o tempo continuar bom (à exceção das regiões já prejudicadas por "La Niña"), os produtores rurais brasileiros podem fazer um pé de meia para enfrentar as inevitáveis crises futuras. Porque elas virão. É só o equilíbrio voltar que os preços também voltarão a seu eterno "viés de baixa" novamente.

Quando teremos a nova crise? Tivemos muitas nos últimos anos, levando a um brutal endividamento dos agricultores. Difícil responder com precisão, exatamente por causa das variáveis todas já referidas. Mas aconteceu em 2008 uma crise assustadora: os preços estavam - igualzinho a hoje - muito acima das médias históricas; produtores de todo o mundo plantaram mais, precisaram de mais adubo, semente, defensivos, corretivos, máquinas e equipamentos; ah, os custos de produção explodiram. Veio a crise financeira global e o consumo caiu. Resumo: aumentaram os custos, aumentou a oferta, demanda caiu, preços despencaram: crise. E, em agricultura, é sabido que crise de abundância demora mais para resolver que a de escassez. E toca renegociar dívidas, de novo. Faz muito pouco tempo pra gente se esquecer.

Sempre é bom lembrar o desenhinho animado infantil que mostra um trem subindo o morro: a locomotiva é o preço dos produtos agrícolas, e os vagões são os preços dos insumos. Enquanto a locomotiva estiver subindo, os vagões também sobem. Mas quando a locomotiva começar a descer a montanha, do outro lado (porque os estoques cresceram com o aumento da produção que é estimulada pelos bons preços, e estes então caem), os vagões ainda seguem subindo por um tempo, antes de chegarem ao topo e também descenderem. Este é o pior dos mundos, e vivemos este cenário algumas vezes nos

últimos 20 anos, o suficiente para assistirmos a uma brutal exclusão de milhares de colegas produtores.

Ora, os preços dos insumos já estão subindo de novo. Os custos da próxima safra vão subir e o mundo todo vai plantar mais. Dá pra perceber? Sem fazer previsão catastrófica, sem colocar medo em ninguém, é bom fazer contas e botar as barbas de molho. 2011 será um bom ano. E depois?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**